



**Cidades Planejadas e Imaginários: contrastes entre o planejamento urbano com a tríade cidade vista, marcada e imaginada**

*Planned and imaginary cities: contrasts between urban planning and the seen, marked and imagined city triad*

---

**Luís Müller Posca**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2710-4817>

Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília - UNB, têm como formação inicial Licenciatura e Mestrado em Artes. É artista visual e Professor efetivo do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima - UFRR;

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5086906765195980>

E-mail: [luis.mposca@gmail.com](mailto:luis.mposca@gmail.com).

## Resumo

Este texto, parte integrante de uma investigação pautada pela teoria dos imaginários urbanos (SILVA, 2001), surge de uma inquietação do trabalho com a metodologia desses imaginários, que captam percepções sociais, acerca de determinada urbe investigada por meio da tríade – “cidade vista, cidade marcada, cidade imaginada”. Em nosso caso, refletimos um pouco mais acerca dessa primeira perspectiva – “cidade vista”, uma vez que os trânsitos de nossa investigação dos imaginários urbanos situam-se em duas cidades planejadas – Boa Vista, capital de Roraima e Brasília, capital do Brasil. Portanto, temos como intenção compreender um pouco mais sobre as motivações de um processo de planejamento urbano, sobretudo, o planejamento da cidade de Boa Vista e, por fim, refletirmos acerca da relação “cidade planejada / cidade vista” e imaginários urbanos.

## Palavras-chave

Cidades planejadas. Imaginários urbanos. Boa Vista. Brasília.

## Planned and imaginary cities: contrasts between urban planning and the seen, marked and imagined city triad

## Abstract

This article, an integral part of an investigation guided by the theory of urban imaginaries (SILVA, 2001), arises from a concern with the work with the methodology of these imaginaries, which capture social perceptions about a certain city investigated through the triad - "city seen, marked city, imagined city". In our case, we reflect more on this first perspective – “city seen”, since the transits of our investigation of urban imaginaries are located in two planned cities – Boa Vista, capital of Roraima and Brasília, capital of Brazil. Therefore, we intend to understand a little more about the motivations of an urban planning process, above all, the planning of the city of Boa Vista and, finally, to reflect on the relationship "planned city / city seen" and urban imaginaries.

## Keywords

Planned cities, urban imaginaries, Boa Vista, Brasília.



## 1. Da Cidade Vista à Imaginada

Estudar o imaginário de uma cidade é também acompanhar o processo de ressignificação desse espaço urbano e, portanto, entender as pessoas que o habitam. Sendo assim, baseado em experiências com a aplicação de sua metodologia de trabalho, Silva (2001) organizou uma proposta para o desenvolvimento do estudo das cidades a partir de três perspectivas ligadas à percepção da teia social de uma urbe: a **cidade vista**, a **cidade marcada** e a **cidade imaginada**.

A primeira perspectiva, cidade vista, busca observar a interação dos habitantes com o espaço visual (letrados, grafite, construções, monumentos, vitrines etc.). É revelada pelas imagens e representações que o cidadão evoca do espaço urbano, que, ao viver a cidade, cria o ponto de vista cidadão; quando somado a outros “pontos de vistas”, projeta a percepção de um grupo social sobre a cidade.

A cidade marcada, segunda perspectiva, é delimitada a partir de seus territórios – os usos e as funções atribuídas aos seus espaços, que revelam quais são os lugares para morar, para trabalhar, para diversão, para relaxar, entre outros, desvelando as preferências e as segmentações feitas na cidade pelos cidadãos.

Por fim, a terceira perspectiva, cidade imaginada, é construída a partir das representações evocadas da cidade. É um objeto simbólico construído em um nível superior de percepção (inconsciente), formado pelo conjunto de construções sociais e espaciais que se materializam nas expressões cidadãs, determinando a forma como o cidadão responde ao espaço urbano (SILVA, 2001).

Todavia, partindo desta tríade elaborada por Silva (2001) para análise dos imaginários urbanos de uma urbe, em especial, sobre a primeira perspectiva citada, a da cidade vista, um ponto de questionamento antes de iniciarmos os projetos “Brasília” e “Boa Vista Imaginada” foi o planejamento urbano desses espaços. E isso porque, em nossas investigações nessas cidades, um ponto que se apresentou como fundamental antes de iniciarmos o trabalho com os imaginários nestas cidades foi olhar com uma maior profundidade para uma etapa anterior do que aquela que Silva (2001) considera como sendo a primeira de sua tríade – a cidade vista. Ou seja, aquilo que vem antes dessas representações que podem ser evocadas pelo cidadão que ocupa o espaço da cidade.



Por tratarmos aqui de duas cidades planejadas, antes mesmo que o cidadão possa dar vida, de fato, a esse espaço urbano e criar, portanto, seus pontos de vista cidadãos, consideramos, em nosso caso, que um ponto de partida já existia antes de que a *cidade pudesse ser vista*. Isso se deve através do estudo geopolítico do terreno urbano, planejamento urbanístico e anseios pré-existentes dos idealizadores das cidades em questão (governantes, arquitetos, engenheiros e sociedade em geral).

Dessa forma, para que possamos fazer considerações acerca da relação “cidade planejada → cidade vista”, cidade marcada e cidade imaginada, propomos, na sequência do artigo, uma breve introdução sobre a temática das cidades planejadas, com foco nas cidades em que estamos trabalhando: Boa Vista e Brasília, para então traçarmos, ao final, as considerações sobre essa relação que fazemos da “cidade planejada” com a tríade dos imaginários urbanos (vista, marcada, imaginada).

## 2. As Cidades planejadas: breves apontamentos

Quando pensamos em uma cidade planejada, logo a associamos a um ambiente previamente pensado e estruturado para receber todas as necessidades dos habitantes desta urbe. Criadas por especialistas a partir de um projeto detalhado, elas visam minimizar diversos problemas comuns que a maioria dos cidadãos mundo afora encaram com os problemas globais de urbanização: trânsito intenso, falta de saneamento básico, falta de espaços verdes e de áreas de lazer.

Logo, através de um planejamento urbano eficaz as necessidades, espaços e funções dos espaços da cidade são organizados de maneira que o cidadão possa obter a melhor experiência sobre o uso de sua cidade. Ademais, os planejamentos urbanos visam projetar a cidade para o futuro, uma vez que as cidades planejadas geralmente são construídas em áreas com grande potencial de desenvolvimento tanto urbano, como social.

Quando tratamos desta temática no Brasil, a maior referência que se apresenta trata-se do planejamento urbano de Brasília – DF, não só com relação a sua arquitetura, mas devido a sua monumentalidade, fruto de um planejamento urbano que ocorreu no final da década de 1950, no governo de Juscelino Kubitschek, trazendo, assim, a capital do Brasil do Rio de Janeiro para o Planalto Central brasileiro (TREVISAN, 2020).

No caso de Brasília, o vencedor por unanimidade do concurso para eleger o plano piloto da nova capital foi o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, com orientação arquitetural de Oscar Niemeyer.



O desenho urbano de Brasília, proposto por Lúcio Costa, tratava-se inicialmente de uma cruz ortogonal, estruturada em torno de dois eixos monumentais. Todavia, devido à topografia, o eixo transversal foi modificado, ganhando um formato mais curvado, o que garantiu ao projeto a famosa forma de um avião, como é popularmente conhecida.

Com icônicos prédios, projetados por Niemeyer, que além de seu aspecto funcional traduzem formas simples, livres, claras, leves e belas, Brasília foi inaugurada em 1960 e, como todas as outras cidades planejadas do Brasil, foi projetada para abrigar cerca de 500 mil habitantes; porém, em 2021, a estimativa populacional mostra que 3.094.325 habitantes vivem no Distrito Federal (TREVISAN, 2020).

Além de Brasília, outras capitais brasileiras também são famosas por seus desenhos urbanos planejados, como por exemplo: Palmas – TO, Belo Horizonte – MG, Goiânia – GO. Contudo, antes mesmo da monumental Brasília, temos o caso do planejamento urbano da capital do Extremo-Norte do Brasil, Boa Vista-RR, muitas vezes esquecida no *hall* das cidades planejadas brasileiras, uma vez que, inicialmente, ela não surgiu de forma planejada, mas, sim, passou por uma remodelação, aproveitando o que foi possível de seu assentamento urbano original. E, assim como Brasília, também é foco de nossos estudos acerca dos imaginários urbanos.

Na sequência, nos aprofundaremos um pouco mais acerca de como se implantou o seu plano urbanístico.

### **3. O plano urbanístico de Boa Vista - RR**

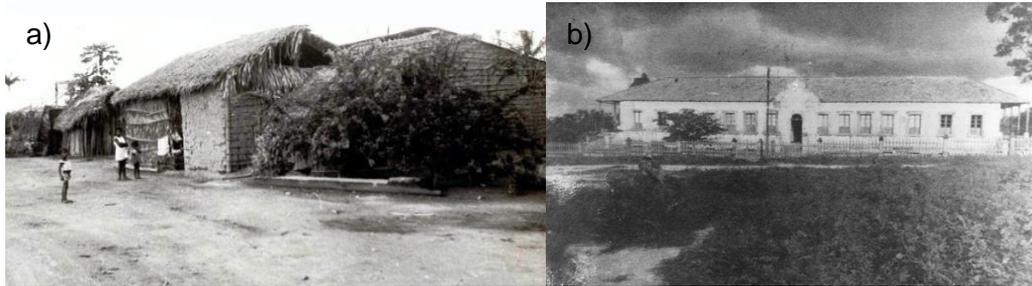
Com a criação do Território Federal do Rio Branco pelo então Presidente Getúlio Vargas, em 1943, e a conseqüente escolha de Boa Vista como sua capital, é também criado um marco na história não apenas dessa cidade, como também na história do urbanismo do Brasil, pois, a partir dessa escolha, essa cidade/capital passa a ser a terceira capital brasileira projetada e construída no período republicano – dando seqüência a Belo Horizonte (1893) e Goiânia (1933) – a única, até então, localizada na região Norte (TREVISAN et al., 2018).

A situação dessa cidade pré-planejamento urbanístico era a seguinte: contava com poucos habitantes, com edificações um tanto quanto desordenadas, uma centena de residências, o Hospital



Coronel Mota, a Igreja Matriz e a Prelazia. Isso ficou conhecido como o núcleo central de Boa Vista (TREVISAN et al., 2018).

**Figura 01** – a) Residências de Taipa e b) a Prelazia do Rio Branco<sup>1</sup> (Déc. 1940)



Fonte: Veras (2009, a) p. 90 e b) p. 84).

Como essas ruas principais estavam dispostas em um terreno elevado e representavam, na época, uma proteção contra as inundações do Rio Branco, ficou decidido que esse núcleo central (inicial) seria preservado. Todavia, esse pequeno “centro” da cidade não detinha dimensões, infraestrutura, nem tampouco condições necessárias para abrigar as funções pertinentes à nova administração do Território Federal e seu consequente aumento populacional (TREVISAN et al., 2018).

Presidida pelo Governador Êne Garcez dos Reis, juntamente do Prefeito Mário Homem de Mello (nomeado em 20 de junho de 1944), foi criada uma comissão encarregada da instauração dessa “nova” unidade urbana; para isso, propuseram um *plano quinquenal territorial*, em que constava a exigência de elaboração de um *plano diretor* para essa nova cidade de Boa Vista.

Para condução desse plano, foi estabelecida uma concorrência pública, que resultou na escolha da *Darcy A. Derenusson Ltda.*, empresa comandada pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson<sup>2</sup> (1916-2002).

<sup>1</sup> Construída para servir de hospital para as populações da bacia do Rio Branco, a prelazia entra na história do estado não só por ser casa religiosa, mas, também, como prédio público e Palácio governamental. Tem um estilo neoclássico, de linhas puras e representam um Marco na história da arquitetura de Boa Vista. O nome prelazia se deve ao fato de Monges Beneditinos, da Igreja Católica, residirem no local a partir de 1924 (PAVANI; MOURA, 2006, p. 45).

<sup>2</sup> Profissional relegado ao segundo plano, quando comparado a colegas que desempenharam o igual ofício de projetar novas capitais – como Aarão Reis (1853-1936), Atílio Corrêa Lima (1901-1943) e Lucio Costa (1902-1998). Esses três urbanistas têm em comum a autoria de planos urbanísticos para cidades de caráter administrativo. Neste rol, o nome de Derenusson ficou omissso na crônica do urbanismo brasileiro, por esta acatar apenas Belo Horizonte (1893), Goiânia (1933), Brasília (1957) e, por último, Palmas (1989),

Coube ao engenheiro Derenusson, após vencer a concorrência, chefiar uma equipe multidisciplinar, com conceituados especialistas incumbidos da confecção do cadastro topográfico do sítio urbano, da elaboração dos projetos de saneamento e da implantação das redes de captação de esgotos sanitários e de águas pluviais, além do abastecimento de água e energia elétrica. Enfim, Derenusson dirigiu e coordenou toda ordem de projetos e obras de urbanização, passou sete meses fazendo um levantamento da realidade socioespacial baseado no relatório do governador Êne Garcez e de sua equipe de técnicos, além de coletar informações sobre as carências da população através de conversas com a comunidade (VERAS, 2009).

Ao todo, seu plano resultou na produção de cerca de 1.000 plantas, detalhando quantidades de materiais necessários a cada obra. A primeira planta topográfica levou oito meses para ser concluída, o que permitiu estabelecer diretrizes do projeto da nova cidade. Na ocasião, em vez de se optar pela simples expansão espontânea da área já urbanizada, a solução adotada foi um projeto integralmente novo; contudo, vale ressaltar, o projeto preservou e incorporou o que pôde do traçado pré-existente para, a partir dele, expandir-se de modo radioconcêntrico (MORAIS; GOMES FILHO, 2009).

Um novo projeto, com ideais simbólicos de semear o novo, o progresso em sobreposição ao velho, passado. “Um reflexo da política de rearranjo urbano, a fim de destituir a cidade de seu caráter anterior, preso ainda uma imagem rural e provinciana” (MORAIS; GOMES FILHO, 2009, p. 152).

Um plano previsto para atingir sua ocupação total em 25 anos. Com o novo projeto, esse núcleo original foi estendido com a sobreposição e acréscimo de um traçado parcialmente rádio concêntrico, que combina doze vias irradiadas a partir de uma grande praça e cinco avenidas envoltórias com uma série de ruas que seguem um padrão em xadrez. Circundado esse arcabouço, foi previsto um cinturão verde de modo a controlar e conter o crescimento da cidade e acomodar grandes equipamentos, como o aeroporto, o hipódromo e o estádio desportivo. Em nenhum sentido uma concepção inovadora, uma vez que, foi concebida em consonância com modelos já largamente aplicados desde as cidades ideais renascentistas e retocados por uma extravagância barroca, essa configuração enfatizava um ponto focal, a praça cívica central – com cem metros de largura,

---

como as capitais projetadas no período republicano. A ausência de Boa Vista (1944) desse seletivo grupo talvez encontre justificativa na própria localização de Roraima, facilmente esquecida no cenário econômico-social do país; talvez no fato de não ser considerada uma cidade nova aos moldes das outras quatro, seu projeto sendo entendido como um mero plano de expansão para um assentamento existente; ou talvez pela própria postura reservada de Derenusson, que não escreveu nem divulgou documentos ou fotos do projeto – as únicas imagens aéreas do conjunto urbanísticos datam da década de 1970, publicadas por revistas como *National Geographic* e *Manchete* (TREVISAN et al., 2018, p. 3).



somando-se praça e vias marginais. Para impor sua monumentalidade cênica, esse espaço deveria ser enquadrado por edifícios administrativos e instituições culturais em estilo *art-déco* (TREVISAN et al., 2018, p. 2).

Em 1945, Derenusson e equipe realizaram as primeiras visitas ao sítio urbano, instalando seu escritório no assentamento existente. Nessa fase preliminar do plano de Boa Vista, foi preciso, inicialmente, sanear para depois urbanizar, ou seja, antes de colocar em prática o trabalho de urbanização, foi necessário primeiro combater focos de mosquitos responsáveis por surtos epidemiológicos, típicos da região.

Relatos do próprio Eng. Derenusson revelaram que ele mesmo solicitou ao governador que fosse dada prioridade ao sistema de redes de esgoto sanitário e de águas pluviais, em função do levantamento que tinha realizado, em que constatou que a maioria da população sofria de alguma enfermidade em decorrência da ausência de saneamento básico. Posteriormente, constatou-se que, em menos de dois anos, Boa Vista já não sofria mais com casos de malária e que a mortalidade infantil na cidade havia caído para níveis muito baixos (VERAS, 2009).

Após acurada análise da Divisão de Obras do Ministério da Justiça e da Divisão de Edifícios Públicos do Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP, o plano de urbanização foi aprovado pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra, em 1946, tendo início em 22 de maio do mesmo ano. Derenusson relatou que seu sucesso ao implantar o plano diretor de urbanismo de Boa Vista justamente se deu pelo fato de ter iniciado os trabalhos com as obras de rede de águas pluviais e esgotos para então iniciar as obras de construção propriamente ditas, evitando, assim, prejuízos públicos (TREVISAN et al. 2018).

Levando-se em consideração as boas práticas sanitárias, a implantação da nova cidade de Boa Vista iniciou-se pela construção das redes de esgotos e de águas pluviais e, na sequência, foi feita a abertura das avenidas radiais. Para sua execução, Derenusson criou em 1947 a empresa Riobras Industrial Ltda., onde atuou como sócio-gerente e engenheiro. Essa empresa foi responsável por inúmeras obras na capital roraimense entre os anos de 1947 e 1950. A mão de obra chegou a contar com 2.500 operários, trazidos de Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro, fato que também contribuiu com o crescimento da cidade e alterou comportamentos socioespaciais, com relação à demanda de equipamentos e serviços, uma vez que, no período, os equipamentos/serviços disponíveis não supriam



as necessidades da população. Muitos desses operários constituíram suas famílias e permaneceram na cidade (A GAZETA DE RORAIMA, 1991).

Toda a operação logística era feita via Manaus, uma vez que grande parte dos produtos e bens tinha de ser importada de outras regiões do país, um planejamento que demandava um adicional de cerca de seis meses para chegar a Boa Vista. Só para se ter uma ideia, o deslocamento entre o Rio de Janeiro, cidade do engenheiro, e Boa Vista levava cerca de dois meses, sendo que o trecho final era feito exclusivamente por barco pelo Rio Amazonas e seus afluentes. O planejamento das obras foi, portanto, questão crucial, demandando alternativas àquelas existentes *in loco* (TREVISAN et al., 2018).

**Figura 02** - Maquete do plano urbanístico de Boa Vista<sup>3</sup> (1944).



Fonte: Veras (2009, p. 95).

Resolvidas as questões logísticas para a implementação e o início, de fato, dos trabalhos, em pouco tempo, o cenário urbano de Boa Vista passou por uma grande transformação. “Essa operação urbanística, que se estendeu durante as décadas de 1950 e 1960, dividiu a cidade em cinco bairros”.

---

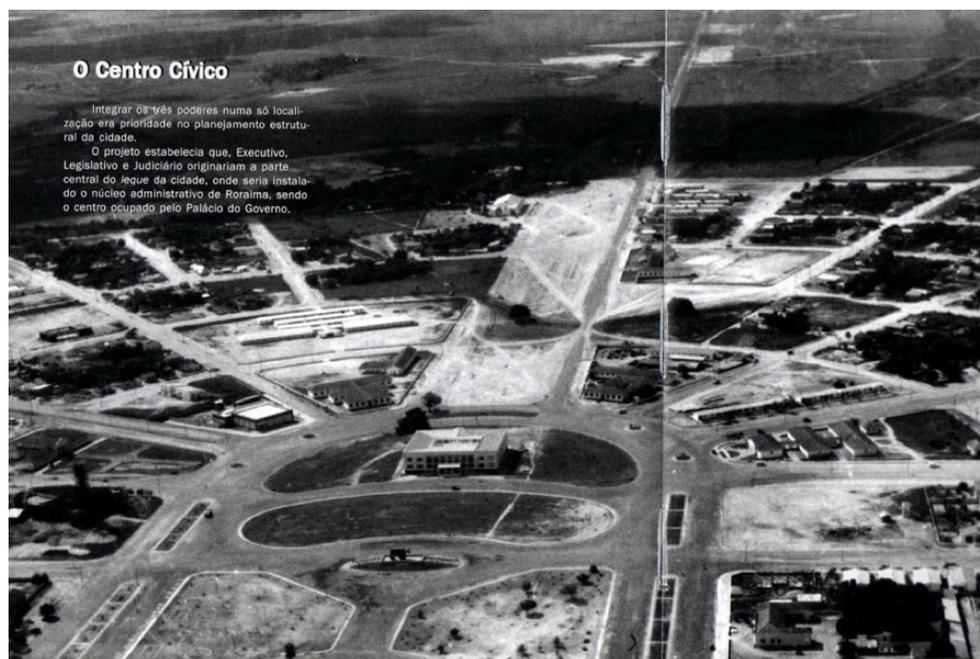
<sup>3</sup> A fim de explicar a proposta e motivar a população local sobre os ganhos que estavam por vir, foi feita uma maquete, que ficou exposta por um mês na loja Mesbla no Rio de Janeiro, antes de ser levada em definitivo para Boa Vista em fins da década de 1940 (TREVISAN et al., 2018).

Na década de 1950, estavam estabelecidos dessa forma: *Porto da Olaria, Rói-couro, Caxangá, Praça da Bandeira e Centro*, totalizando, na época, 17 mil habitantes (PAVANI; MOURA, 2006).

A partir da construção de equipamentos urbanos como praças, loteamentos residenciais, escolas, entre outros, a cidade viu sua paisagem congregar uma nova configuração espacial; a dinâmica socioespacial passou, portanto, por uma alteração estrutural, na qual manteve uma íntima união com as formas. Tal dinâmica é apontada por Trindade Júnior (1997, p. 10), que afirma que velhas formas são alteradas para uma adequação às novas funções, o que significa que a organização espacial, pré-existente, já não atendia, de maneira eficaz, à dinâmica social de um novo momento histórico, alterando, portanto, as formas de uso do solo, levando o espaço a se adequar ao movimento que lhe dá dinamismo (VERAS, 2009).

Como podemos visualizar nas imagens a seguir, integrar os três poderes numa só localização era prioridade no planejamento estrutural da cidade. “O projeto estabelecia que Executivo, Legislativo e Judiciário originariam a parte central do leque da cidade, onde seria instalado o núcleo administrativo de Roraima, sendo o centro ocupado pelo Palácio do Governo” (PAVANI; MOURA, 2006, p. 30).

**Figura 03** - O Centro Cívico de Boa Vista (década de 1940/1950).



Fonte: Pavani e Moura (2006, p. 30-31).

**Figura 04** - Organização dos três poderes na praça do Centro Cívico de Boa Vista.



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor.

Além disso, também foram estabelecidas quadras residenciais permeadas por áreas verdes que se estendem até o cinturão verde periférico aos moldes do ideário Howardiano de cidade-jardim<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Ebenezer Howard, assim como seus contemporâneos utopistas da Inglaterra da virada do século, imaginou um modelo para a cidade ideal propondo um desenho espacial circular, cuja evolução pode ocorrer por “gomos”. No centro está um espaço da população, uma praça central da qual partem vias arborizadas radiais. Os círculos concêntricos são avenidas numeradas a partir do centro, todas amplas e ajardinadas. A terceira avenida, maior que as demais, abriga os equipamentos comunitários (escolas, parques infantis, bibliotecas etc.). Na periferia, ficam as indústrias e entrepostos comerciais, e além deles está o cinturão verde agrícola de abastecimento (HOWARD, 1898).

**Figura 05** – a) Comparação do Desenho de projeto da Cidade-Jardim e b) planejamento urbano de Boa Vista – RR



Fonte: a) Parsons; Schuyler (2002, p. 27) e b) Veras (2009, p. 95).

De acordo com Darcy Romero Derenusson, filho do engenheiro que projetou a nova cidade de Boa Vista, muitas pessoas confundem o planejamento urbano da cidade com o planejamento de Paris e desfaz esse mito citando que, à época, a inspiração de seu pai, como de vários outros arquitetos que trabalharam no planejamento de cidades, era imprimir o conceito de cidade-jardim, mas pondera algumas semelhanças com o planejamento da capital francesa:

O planejamento de Paris tem a relação entre a largura da rua com a altura dos edifícios, que não poderia ter mais da metade da largura da rua como altura, o que torna a cidade ventilada. Por conta disso, não há muitos edifícios altos em Boa Vista, pois não havia necessidade de se construir grandes prédios. O que valia mais era o traçado (CORREIA, 2016, n.p.).

**Figura 06** – a) Traçado urbano de Paris e b) traçado urbano de Boa Vista.



Fonte: Google Earth

Como podemos observar na Figura 06, a comparação possível entre a cidade de Boa Vista com a cidade de Paris deve-se ao seu desenho urbano, também radial concêntrico, com avenidas largas e grandes jardins, espaços abertos e verdes com o intuito de melhorar a salubridade da cidade e o lazer de sua população, além dessa convergência para a praça principal.

Boa Vista, na verdade, foi projetada com inspiração na cidade de Belo Horizonte, seguindo os mesmos padrões do traçado urbano da capital de Minas Gerais, pois apresentava subdivisões em zona urbana, suburbana e sítios, além de reservar uma área privilegiada para a implantação de edifícios monumentais de administração pública, bem como partir de linhas retas, avenidas largas e perspectivas convergindo para o centro (MORAES; GOMES FILHO, 2009).

[o plano de Belo Horizonte] foi uma importante iniciativa governamental para conferir à cidade uma aparência moderna em pleno século XIX. O traçado regular e a inspiração em projetos realizados nas principais cidades europeias delineava, no Brasil, uma tendência de criar cidades monumentais e aptas às novas necessidades de circulação e estética. A concentração das atividades cívicas e administrativas num centro monumental, para o qual deveriam convergir os principais eixos

urbanos, foi uma atitude de vanguarda que se repetiu em planos seguintes, como o de Goiânia e o de Brasília, por exemplo (MORAES; GOMES FILHO, 2009, p. 155).

Esse modelo de cidade-jardim, com radiais convergindo para um núcleo central, têm sua origem na proposta de Howard para as cidades da Inglaterra em 1898. Tal modelo surge no final do século XIX e se transforma no produto urbanístico mais bem-sucedido da discussão que se promovia à época sobre os prejuízos causados à vida urbana pelo acelerado processo de industrialização.

Howard idealizou esse esquema das cidades-jardins usando esquemas das cidades ideais do Renascimento e do Barroco; logo, os esquemas das cidades-jardins são fortemente radiais concêntricos, assim como o centro primário e os subcentros. Usou, além disso, a tradição europeia quando promoveu os centros dessas cidades como centros comunitários e culturais, como lugares predestinados para serviços coletivos e atividades de vizinhança.

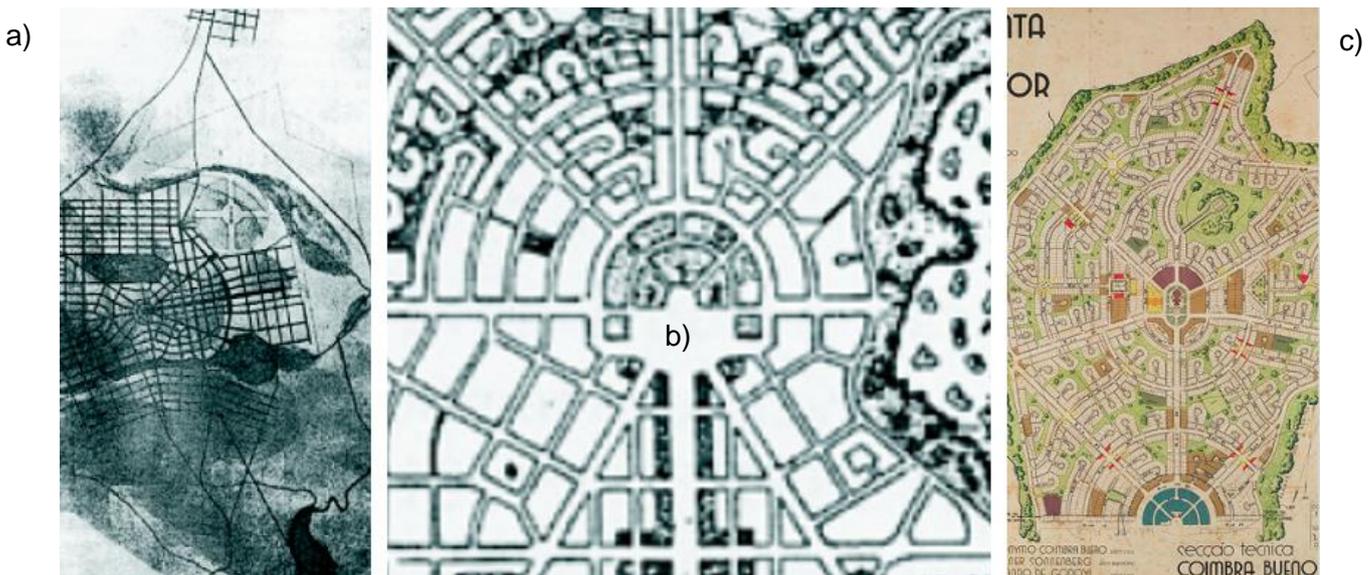
Em Goiânia<sup>5</sup>, podemos perceber, no plano de Armando de Godoy, um traçado mais abstrato que incorpora os elementos das cidades-jardins, procurando aliar o aspecto urbano com os componentes rurais. Fica evidente, pela imagem, a semelhança do plano de Godoy com o traçado de Boa Vista (MORAES; GOMES FILHO, 2009).

---

<sup>5</sup>“Em 1933, o interventor federal de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, encomendou a elaboração de um plano urbanístico para Goiânia ao arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima. No ano de 1936, o engenheiro arquiteto Armando de Godoy substituiu aquele arquiteto, refazendo partes do projeto de Atílio, já concluído” (MORAES; GOMES FILHO, 2009, p. 154).



**Figura 07** – a) Planta Atílio Corrêa Lima, b) detalhe plano Armando de Godoy e c) Planta do setor sul (Armando de Godoy) para Goiânia.



Fonte: Adaptado de Moraes e Gomes Filho (2009, p. 156).

No caso de Boa Vista, fica evidente a inspiração no modelo de Howard através das semelhanças nas radiais concêntricas, nas áreas verdes e no núcleo central, o centro cívico, grande espaço de convergência e que recebeu os principais prédios públicos do Governo (VERAS, 2009). Esse fato é endossado por Moraes e Gomes Filho (2009), que afirmam que essas parecem ser as principais fontes de inspiração do projeto da capital roraimense, valendo-se dos mesmos princípios urbanísticos, da mesma concepção de avenidas radiais e perimetrais e monumentalidade do centro cívico, como local de convergência.

É interessante apontarmos que, em todos esses projetos citados, além da questão da cidade-jardim, coincide o fato de que havia profissionais com formação no Rio de Janeiro nas três cidades. No plano de Belo Horizonte, Aarão Reis convidou para fazer parte de sua equipe vários profissionais formados pela escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em Goiânia, tanto Atílio Corrêa Lima quanto Armando Godoy residiam e exerciam suas atividades também no Rio e, por fim, Darcy Aleixo Derenusson era formado pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, transformada posteriormente em Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de viver e ter a sede de sua empresa, Rio Brás, também no estado do Rio de Janeiro (MORAES; GOMES FILHO, 2009).

Portanto, é possível compreendermos melhor as inspirações de Derenusson, uma vez que sua formação deve ter tido grande influência da escola carioca e é provável que tenha entrado em contato com esses outros projetos citados e que foram realizados por seus conterrâneos. Acreditamos, por fim, que a formação profissional de Derenusson foi fundamental para influenciar o desenho do plano de Boa Vista.

As obras na capital seguiram em ritmo lento, em parte por conta das questões logísticas, mas também por divergências políticas quanto aos rumos da cidade<sup>6</sup>. Um destaque a ser apontado aqui é a paixão desenvolvida pelo engenheiro no período de desenvolvimento do seu projeto de cidade; essa paixão pôde ser constatada pelos habitantes locais, em conversas descontraídas nas praças, onde era comum encontrar o engenheiro abrindo as plantas da cidade e ensinando o que seria um projeto.

A Riobras, empresa que Derenusson fundou para execução do plano urbanístico, além de construtora e empreiteira, era também a produtora dos materiais de que necessitava – dadas as dificuldades logísticas já salientadas anteriormente. Isso não era fornecido por sua usina de concreto, e sua olaria teve de ser transportada por um avião, Douglas C47, de sua propriedade (TREVISAN et al., 2018).

Conhecido por sua simplicidade e simpatia, o engenheiro tinha seus funcionários como companheiros de trabalho. Ele desenvolveu uma verdadeira devoção à construção da nova Boa Vista, de 1944 a 1951, exceto durante o governo de Fêlix Valois (1946-1948). Derenusson participou ativamente na implantação da cidade, morando, inclusive, em Boa Vista, nesse período. Rígido, o engenheiro primava pela manutenção de uma simetria horizontal e vertical, de acordo com as normas de seu plano; instituiu que as construções só podiam ter no máximo dois pavimentos e em terrenos de 15x40 e 20x40 metros. Esses foram fatores que, segundo o Engenheiro, explicariam por que Boa Vista apresenta os belos jardins e não possui favelas, como a maioria das capitais do país (A GAZETA DE RORAIMA, 1991).

Na concepção de Derenusson, para além do significado técnico de construção, o significado das radiais desenhadas por ele iria além. Tal definição estaria envolvida em um sentimento patriótico que abrangia toda essa região fronteiriça da Amazônia setentrional e representava a presença

---

<sup>6</sup> As obras se iniciaram na gestão de Êne Garcez dos Reis (1943 a 1945) e passaram por administrações de outros três governadores: Fêlix Valois de Araújo (1946 a 1948), Clóvis Nova da Costa (1948 a 1949) e Miguel Ximenes de Melo (1949 a 1951) (TREVISAN et al., 2018).



marcante do Governo Central frente à cobiça Internacional. O engenheiro assim descreve tal relação com as radiais de seu planejamento:

Partindo de um centro gerador, busca os confins do norte de nosso território, irradiando a energia de seu povo, como a protegê-lo, Roraima guardião do Norte [...] na época em que foi projetada a planta da cidade de Boa Vista (1944- 1946), estávamos no fim de uma Guerra. E já muito antes disso, não poucos olhos gulosos invadiam nossas fronteiras com missões exploradoras [...] para se firmarem e ocupar em nossa Terra [...] Mais do que simples radiais, mais do que um simples leque, seria a própria alma brasileira, presente, com o corpo e o coração para garantir a integridade de nossos limites. E, portanto, o sistema radial o símbolo de união territorial, social, linguístico e ideário do povo brasileiro do Extremo Norte (A GAZETA DE RORAIMA, 1991, n. p.).

Todavia, tal devoção ao empreendimento fez com que abdicasse temporariamente de sua família, que permanecia no Rio de Janeiro, além de outros trabalhos em curso concomitantes à implementação do plano urbanístico de Boa Vista.

Em 1951, devido a entraves políticos e dificuldades operacionais em Boa Vista, Derenusson retornou em definitivo ao Rio de Janeiro. Projetar e implantar uma cidade certamente fora uma ocasião única, que seletos profissionais tiveram a oportunidade de provar. Mas, com a troca dos governos, seu plano original foi sofrendo descontinuidades, e a implantação do plano urbanístico acabou tomando outros rumos. Algo que pode ser visualizado mediante os dados da Tabela 1, sobre as estatísticas de população residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991. Boa Vista começa a vislumbrar um aumento populacional gradativo a partir da década de 1950:

**Tabela 1** - População residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991.

| Estatísticas Populacionais  |      |      |      |      |      |        |        |        |        |         |
|---|------|------|------|------|------|--------|--------|--------|--------|---------|
| População residente, segundo os municípios das capitais – 1872/1991 |      |      |      |      |      |        |        |        |        |         |
| População residente   |      |      |      |      |      |        |        |        |        |         |
| Município   | 1872 | 1890 | 1900 | 1920 | 1940 | 1950   | 1960   | 1970   | 1980   | 1991    |
| <b>Boa Vista</b>  | –    | –    | –    | –    | –    | 17.247 | 25.705 | 36.464 | 67.047 | 144.249 |

Fonte: IBGE, Censo (1990).



Após a troca da denominação de Território Federal do Rio Branco para Território Federal de Roraima<sup>7</sup>, em 1962, parte do Município de Moura, do estado do Amazonas, foi acrescido ao território. Em divisão territorial, datada de 1º de julho de 1960, o município de Boa Vista passou a ser constituído de quatro distritos: Boa Vista, Conceição do Maú, Depósito e Uraricoera, assim permanecendo em divisão territorial datada de 1º de janeiro de 1979 (IBGE - Censo, 2010). Interessante observar que, após a década de 1970, o aumento populacional se tornou mais expressivo, tanto que o engenheiro Derenusson se surpreendeu ao ver que a cidade havia crescido conforme o que planejou em sua origem, ao visitá-la em 1966. Afirmou, ainda, que, na década de 1970 do século XX, Boa Vista chegou a ser apontada como a cidade com a melhor qualidade de vida em todo o Brasil (A GAZETA DE RORAIMA, 1991).

Com relação ao plano urbanístico/plano diretor de fato, o rompimento da malha original, planejada para um período de 25 anos, ocorreu apenas nos anos 1980 devido ao crescimento urbano demográfico, em virtude dos processos migratórios tanto da zona rural como de outros estados brasileiros, sobretudo do Nordeste. Logo, o planejamento inicial de adensamento urbano e populacional foi superado, e, atualmente, o traçado previsto no plano urbanístico de Derenusson, representa apenas cerca de 10% da extensão total da cidade. Alguns eixos do crescimento ainda seguiram as diretrizes inicialmente previstas; outros, seguiram caminhos diversos conformando uma malha urbana diferenciada em muitas de suas porções (TREVISAN et al., 2018; MORAES; GOMES FILHO, 2009).

Com a promulgação da nova Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988, o Território Federal de Roraima teve seu *status* alterado de Território Federal para “Estado de Roraima”. Assim, aquela pequena população da década de 1940 salta, para uma Boa Vista, no início dos anos 1990, com 144.249 mil habitantes, salto demográfico que só possível graças à sua refundação<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Um fato a ser destacado nesse processo foi a participação popular para a escolha, por meio de um plebiscito realizado pelo Jornal “O Átomo”, do nome “Roraima” como sendo mais indicado para substituir o nome Rio Branco. No entendimento de Magalhães (1986), havia necessidade de resolver esse problema toponímico, pois existiam casos de pessoas que pretendiam ir para o Rio Branco, Acre, e vinham para Boa Vista do Rio Branco, fora o constante extravio de correspondências e mercadorias, alimentos, remédios entre outros, que era constante (VERAS, 2009).

<sup>8</sup> De acordo com o Censo, em 2000 a população de Boa Vista era de 200.568 habitantes. Em 2010, a população residente passou para 284.313 habitantes e, em 2021, a expectativa populacional de Boa Vista foi de 420.000 habitantes (IBGE, Censo 2010).



Portanto, a eficácia da ação urbanística implementada por Êne Garcez, através do planejamento de Derenusson, trouxe para Boa Vista uma contemporaneidade, um aspecto de cidade bem planejada em relação às outras capitais da Região Amazônica (VERAS, 2009).

#### **4. *Relação cidade planejada com a tríade cidade (vista, marcada, imaginada): considerações finais***

Como pudemos constatar, as cidades planejadas, antes mesmo de existirem em sua dimensão real, como no caso de Brasília - DF, trazem, em sua gênese, sonhos, desejos e anseios de seus criadores para esse novo território, em construção, ou reconstrução, como aconteceu com Boa Vista - RR. Inevitavelmente, devido a seu caráter planejado, muitos emblemas, estandartes, cartões postais e até mesmo imagens fortemente representativas são pré-concebidas, por seus idealizadores, antes mesmo de sua existência física e conseqüentemente ao processo de dar vida a esses espaços, algo que só pode ser conquistado a partir do momento em que temos cidadãos que estão ali vivendo, ocupando e escrevendo as suas histórias juntamente da história desse espaço planejado.

Justamente devido ao caráter monumental/emblemático dessas cidades planejadas é que trazemos esse ponto de reflexão ao trabalharmos com a teoria dos imaginários urbanos em cidades planejadas. Antes de prosseguirmos com a já citada proposta metodológica triádica de Silva (2001) – Cidade Vista, Marcada, Imaginada. Parece ser fundamental considerarmos o importante fator – Cidade planejada, e como tal processo de planejamento, pode influenciar a percepção imaginária de sua teia social. Neste sentido, levantamos dois pontos de reflexão que carecem atenção, ao trabalharmos com cidades planejadas. Se, na primeira perspectiva desta metodologia, “cidade vista”, buscamos observar a interação dos habitantes com o espaço visual, reveladas pelas imagens e representações que os cidadãos evocam do espaço urbano e que, ao viver a cidade, criam o ponto de vista cidadão, nos parece crucial refletirmos: até que ponto o planejamento urbano influenciou e ainda influencia as imagens representativas evocadas desta urbe?

E, se após dar vida àquilo que foi planejado (cidade marcada), as vivências nesse território remetem a um ou mais de um ponto de vista como informação dada/pronta? Ou, também, se essa teia social consegue criar novos pontos de vista que projetam percepções sociais sobre essa cidade, sem



as influências de um ponto de vista / ponto de partida advindo desse processo de planejamento urbano?

Contudo, advertimos que nas investigações dos imaginários em cidades planejadas, é interessante descobrirmos em que medida, estes pontos de vista já não trazem consigo os ideais previamente estabelecidos pelos processos de planejamento urbano.

Acreditamos que, em nossas investigações, que estão em curso, dados relacionados a esses questionamentos surgirão como ocorrências deste contraste: *Cidade planejada* -> *Cidade Vista* e esperamos que, em futuras análises, uma vez que já temos os dados dos imaginários de ambas as cidades coletados, seremos capazes de não só analisarmos como os cidadãos dessas urbes marcam e imaginam essas cidades, como também, possivelmente, checaremos como tais questionamentos deixados por este texto aparecem como ocorrências dos imaginários urbanos em cidades planejadas.

### **Referências**

CORREIA, Luan Guilherme. **Arquiteto desfaz mito de que Capital foi planejada com inspiração em Paris**: Filho do engenheiro Darcy Aleixo, que projetou Boa Vista na década de 40, diz que plano urbanístico foi baseado no conceito de cidade-jardim. 2016. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Arquiteto-desfaz-mito-de-que-Capital-foi-planejada-com-inspiracao-em-Paris/23139>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010>>. Acesso em: 06 set. 2017.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1898.

JORNAL A GAZETA DE RORAIMA. Edição especial: **Boa Vista**. Ano X [101], 09 de jul. de 1991.

MORAIS, Carla G.M.S.M.; GOMES FILHO, Gregório F. Visadas dobre Boa Vista do Rio Branco: Razoes e inspirações da Capital de Roraima (1830-2008). In: **Tempos Históricos**, v.13. p. 137-166, 2009.



PARSONS, Kermit C.; SCHUYLER, David. *From Garden City to Green City*. Baltimore: *The Johns Hopkins University Press*, 2002.

PAVANI, Jorge Donizette; MOURA, Gutemberg. **Panorama fotográfico urbanístico e arquitetônico de Boa Vista**. Brasília-DF: Gráfica coronário, 2006.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TREVISAN, Ricardo; FICHER, Sylvia; DERENUSSON, Isabella de Carvalho; DERENUSSON, Darcy Romero. Darcy Aleixo Derenusson. O engenheiro e urbanista que projetou Boa Vista – RR. **Arquitextos Vitruvius**, São Paulo, ano 18, n. 212.03, jan. 2018.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades novas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

VERAS, Antônio Tolrino de Rezende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, 2009.

Artigo submetido em 15/02/2022, aceito em 20/04/2022 e publicado em 10/06/2022.

